

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
JEAN-MARIE STRAUB – NUNCA RECONCILIADO
6 de janeiro de 2023

FORTINI/CANI – I CANI DEI SINAI / 1976 (*"Fortini/Cani – Os Cães do Sinai"*)

um filme de Jean-Marie Straub e Danièle Huillet

Realização, Argumento e Montagem: Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, baseado em *I Cani del Sinai*, de Franco Fortini / **Fotografia:** Renato Berta e Emilio Bestetti / **Som:** Jetti Grigioni / **Mistura:** Adriano taloni / **Interpretação:** Franco Fortini, Franco Lattes, Luciana Nissim, Adriano Aprà.

Produção: Straub-Huillet; Artificial Eye; New Yorker Films; Sunchild; RAI 2 / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, em 16mm, colorida, legendada eletronicamente em português, 83 minutos / **Estreia Mundial:** Paris, Fevereiro de 1977 / **Primeira Exibição em Portugal:** Porto, 1977, na Semana dos "Cahiers du Cinéma", organizada por M-Revista de Cinema.

Fortini/Cani é apresentado com **Toute Révolution est un Coup de Dés** "folha" distribuída em separado).

"*Não esqueçamos o esquecimento*". Nesta frase de Jean-Marie Straub, sobre a "História" e o "vazio" que a pouco e pouco se forma em volta de certos acontecimentos, acabando por produzir, conscientemente ou não, o esquecimento, se pode encontrar uma ideia do cinema (e da sua função?) do autor. Deste ponto de vista **Franco Fortini, i Cani del Sinai** (título alternativo por que este filme é também conhecido) tem uma sequência fundamental. Alguns planos de paisagens desfilam depois das palavras de Franco Fortini, acompanhados apenas por sons naturais, de captação directa (como é norma do realizador) até mostrarem uma placa evocativa referente a um massacre que os nazis praticaram na região da Itália a que a paisagem pertence. De repente o passado eclode no presente, impõe a sua presença através de uma imagem e obriga a reflectir. Reflexão que parte do contraste entre o acontecimento que bruscamente se rememora e a paisagem pacífica que parece "contradizê-lo". O "processo" é da mesma ordem daquele que Alain Resnais parcialmente experimenta em **Nuit e Brouillard**, embora neste caso se jogue já com a presença da memória no espectador. O processo é semelhante, mas é de outra ordem a revelação em **Fortini/Cani**. Também o é a panorâmica pela costa escarpada sobre a qual se "imprime" a evocação do escritor do apoio prestado a judeus para embarcarem para a Palestina em 1946. Ao lado destes planos que acabam por ter uma função narrativa (pelo sentido que produzem), outros se intercalam cuja função parece ser simplesmente discursiva.

Se Resnais parece "censurar" a memória por causa do esquecimento, Straub parece dizer-nos, com Franco Fortini, que este é um processo inevitável e "natural", pois as gerações crescem umas "sobre" as outras, habitando os mesmos espaços pisando o passado literal e simbolicamente. Na altura da feitura do filme (1976) Franco Fortini dizia que "*dentro de alguns anos ninguém compreenderá mais o que foram a guerra do Vietname e o conflito israelo-árabe*" (Pela mesma ordem de ideias poder-se-ia dizer que na próxima geração ninguém perceberá já o sentido do massacre de Santa Cruz em Timor) **Fortini/Cani** é, aliás, já a exposição do esquecimento do conflito que tivera lugar dez anos antes. E a sobreposição do passado e do presente, faz-se através do texto de Franco Fortini, panfleto escrito com a violência do desencanto, na sequência da guerra, para afirmar a posição de um intelectual judeu que se recusa a apoiar a posição de Israel nesse conflito.

As outras sequências de **Fortini/Cani** tomando uma forma discursiva ilustram do mesmo modo o tema do esquecimento, através de uma série de lacunas entre o texto e a imagem. Os lugares de memória dos planos atrás referidos dão lugar a sucedâneos dessa memória: à paisagem sucedem os jornais (colunas que vão desfilando lentamente enquanto em off se reproduz o mesmo texto) e a imagem da televisão (um telejornal contemporâneo do conflito). Num caso como no outro elide-se completamente a imagem do passado. Ela só surge na memória de cada um, de acordo com os elementos de que dispõe. O que Straub fornece a quem quer ver são apenas os elementos de que dispomos também no dia a dia. Esta é, no fim de contas, a evocação da História possível. Tudo o resto, reconstituições mais ou menos "perfeitas" e "grandiosas" não é mais do que mero espectáculo. Pode-se preferir este, evidentemente. Não se pode, porém, negar que a única abordagem que tem função crítica é a que Straub enuncia.

Manuel Cintra Ferreira